Atravessar o rio e entrar na casa: *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra* de Mia Couto

Cross the river and enter the house: *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*, by Mia Couto

Clélia Gomes dos Santos
UnB/IF-Baiano

Roberta Cantarela
UnB

https://doi.org/10.5007/2176-8552.2026.e99541

Resumo

Este trabalho propõe uma breve exploração pelo livro *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*, do escritor moçambicano Mia Couto (2003), e tem como objetivo analisar a representação da trajetória do protagonista Marianinho no seu regresso à ilha Luar-do-Chão – lugar carregado de segredos e mistérios –, que foi incumbido de organizar o funeral de seu avô, Mariano. Com uma peculiar prosa poética, o autor nos revela um espaço mítico e místico, em que o resgate das tradições caminha ao lado da modernidade, revelando como esses elementos estão presentes na cultura e na literatura africanas. Uma narrativa contemporânea, na qual o autor mistura modernidade e diferentes tradições na composição do espaço, rompendo com a lógica ocidental ao consubstanciar o inusual e o maravilhoso em uma realidade híbrida que desobedece aos padrões preestabelecidos. Para a análise aqui proposta, sobretudo da relação entre os sujeitos e o espaço no qual estão inseridos, tomamos como base estudos de Gaston Bachelard (1978) e Homi Bhabha (2005). Trata-se de uma ficção que revitaliza a sociedade moçambicana pela perspectiva literária.

Palavras-chave: Mia Couto; literatura africana; espaços narrativos.

Abstract

This work proposes a brief exploration of the book *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*, by Mozambican writer Mia Couto (2003) and aims to analyze the representation of the trajectory of the protagonist Marianinho on his return to island Luar-do-Chão, a place full of secrets and mysteries, responsible for organizing the funeral of his grandfather, Mariano. With a peculiar poetic prose, the author reveals to us a mythical and mystical space, in which the recovery of traditions goes hand in hand with modernity, revealing how these elements are present in African culture and literature. A contemporary narrative in which the author mixes modernity and different traditions in the composition of the space and breaks with Western logic by substantiating the unusual and the wonderful in a hybrid reality that disobeys pre-established standards. For the analysis proposed here, especially the relationship between the subjects and the space in which they are inserted, we took as a basis study by Gaston Bachelard (1978) and Homi Bhabha (2005). It is a fiction that revitalizes Mozambican society through literature.

Keywords: Mia Couto; African literature; narrative spaces.

Considerações iniciais

Mia Couto, assim apelidado na infância por sua paixão por gatos, é um escritor moçambicano, filho de família portuguesa. Cresceu e conviveu com diferentes povos e costumes urbanos, aspectos que mais tarde se refletiriam significativamente em suas obras, sobretudo na representação dos espaços, foco deste trabalho. Considerado um dos grandes escritores da contemporaneidade, Mia Couto destaca-se tanto nas literaturas africanas de Língua Portuguesa quanto na literatura mundial.

A busca pela identidade nacional, o multiculturalismo, o resgate da tradição, os neologismos, as marcas da oralidade, o uso de imagens alegóricas, a presença de realismo mágico ou fantasmagórico, a valorização da memória, o engajamento político e o forte lirismo na prosa são alguns dos elementos presentes em suas obras. A mistura entre a tradição e o moderno por meio de metáforas marcam seus textos, um traço frequente na literatura dos países africanos que vivem as consequências do Colonialismo.

Ainda com algumas cicatrizes deixadas pelas "aventuras marítimas" portuguesas além-mar, o escritor nos apresenta um universo narrativo no qual é possível reaver as marcas identitárias de seu país, mesmo ciente da impossibilidade de reconstituir a identidade cultural primeira de sua nação, uma vez que não se pode mais negar o legado deixado pelo regime colonial e o desbravo da modernidade. Com esse viés sobre a hibridez identitária, Mia engendra os lugares em sua escrita, sempre em busca de uma nova ou de outra identidade moçambicana alinhada às diferenças entre os povos e os costumes.

Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra: breves travessias

Mia Couto nos leva, mais uma vez, ao seu universo continental, a África, com o romance *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra* (2003), e evoca ao leitor a cultura, as crenças, a religião, as tradições e os costumes dos povos africanos, em especial dos moçambicanos. O livro é um desenho da África pós-colonial, repleto de lirismo e beleza, sem ser direto e explícito ao retratar questões políticas. Para a compreensão de toda a metáfora e do lirismo que permeiam a obra é preciso, muitas vezes, ativar informações externas à própria escrita. Dessa forma, recorremos a Hegel quanto à definição do lírico:

> maneira como a alma, com seus juízos subjetivos, alegrias e admirações, dores e sensações, toma consciência de si mesma. O que interessa antes de tudo é a expressão da subjetividade como tal, das disposições da alma e dos sentimentos, e não de um objeto exterior (Hegel, 2004, p. 261).

Nesse sentido, a África, enquanto espaço privilegiado de sua narrativa lírica, não aparece a partir de dicotomias mais comuns, como, por exemplo, riqueza e pobreza, paraíso e inferno etc. Outrossim, a visão da nação como algo homogêneo é rejeitada e as diferentes realidades, como a distância entre o rural e o urbano, ou as várias etnias que povoam o continente, são reunidas no vocábulo "África". É possível observarmos essa afirmação no trecho que segue:

> Nenhum país é tão pequeno como o nosso. Nele, só existem dois lugares: a cidade e a Ilha. A separá-los, apenas um rio. Aquelas águas, porém, afastam mais que a sua própria distância. Entre um e outro lado reside um infinito. São duas nações, mais longínquas que planetas. Somos um povo, sim, mas de duas gentes, duas almas (Couto, 2013, p. 18).

Um elemento marcante em *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra* é a maestria singular da mistura entre o léxico das línguas nativas de seu país e a Língua Portuguesa sem, contudo, comprometer a compreensão e a formalidade do texto. Ainda em relação ao estilo, algumas nuances de sua lírica podem ser percebidas nesta narrativa. Nesse sentido, é possível caracterizá-lo como um romance lírico ou uma prosa poética. Assim, ao longo da leitura, percebemos que os elementos da narrativa, como personagens, espaço e tempo, que frequentemente são empregados em uma linearidade prosaica, transfiguram-se e se aproximam ora do fantástico e do maravilhoso, ora do imaginário e do insólito, como nos trechos que expressam o estado de angústia das personagens, inclusive traduzido pelo lírico, presentes em Couto (2003, p. 68): "O segredo é demorar o sofrimento, cozinhá-lo em lentíssimo fogo, até que ele se espalhe, diluto, no infinito do tempo", "Com o corpo, falamos tristezas que as palavras desconhecem" e "A dor pede pudor. O sofrimento é uma nudez - não se mostra aos públicos."

O trecho a seguir revela o insólito como um consolo para o choro diante do luto pelas perdas de entes queridos, em uma escrita que naturaliza os acontecimentos atípicos, chamando a atenção do leitor:

> Abstinêncio passou a envergar uma tarjeta de pano preto, guarnição de luto sobre a lapela. Todavia, do que se conta, sucedia o seguinte: a pequena tarja crescia durante as noites. Manhã seguinte, o paninho estava acrescido de tamanho, a pontos de toalha. E, no subsequente, um lençol já pendia do sombrio casaco. Parecia que a tristeza adubava os pesarosos panos. Na família, houve quem logo encontrasse a adequada conveniência: que ali estava uma manufatura têxtil, motivo não de perda chorosa, mas de ganhos chorudos. Diz-se, sem mais que o dizer (Couto, 2003, p. 16-17).

A "tira" de pano usada para simbolizar o luto pela noiva falecida cresce

à noite e, a cada amanhecer do dia, aparece maior. Inicialmente, tem o tamanho de uma toalha; depois, de um lençol. Abstinêncio, assim como os demais moradores da vila, não estranha esse acontecimento; pelo contrário: vê com naturalidade e como uma oportunidade de lucrar com a situação, comercializando os tecidos. Esse evento insólito revela a normalidade diante de fatos inusitados, metaforiza a extensão do luto e, ao mesmo tempo, critica o sistema capitalista que começa a interferir no comportamento dos moradores de Luar-do-Chão.

Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra leva-nos a refletir a representação da morte no romance, acontecimento que principia e se configura no fio condutor da narrativa: o falecimento de Mariano, avô do protagonista Marianinho, de quem este herdou o nome, e cujo falecimento levou o neto de volta à ilha de Luar-do-Chão.

Ao pisar na ilha, Marianinho recebe de sua avó a incumbência de cuidar do enterro de Mariano, e logo percebe que seu regresso a Luar-do-Chão carrega mistérios e segredos a serem desvendados, que vão além da responsabilidade de realizar o cerimonial fúnebre do patriarca da família. Marianinho se vê envolvido na tarefa de resgatar sua identidade africana por meio das lembranças e revelações dos acontecimentos em torno da morte do avô e do seu retorno, conforme descrito a seguir:

> Manhã cedo me ergo e vou à deriva. [...] Pretendo apenas visitar o passado. Dirijo-me às encostas onde, em menino, eu pastoreava os rebanhos da família. As cabras ainda ali estão, transmalhadas. Parecem as mesmas esquecidas de morrer. Se afastam, sem pressa, dando passagem. Para elas, todo o homem deve ser pastor. Alguma razão tem. Em Luar-do-Chão não conheço quem não tenha pastoreado cabra. Ao pastoreio devo a

> habilidade de sonhar. Foi um pastor quem inventou o primeiro sonho. Ali, face ao nada, esperando apenas o tempo, todo o pastor entreteceu fantasias com o fio da solidão. As cabras me atiram para lembranças antigas (Couto, 2003, p. 190).

Ao adentrar o espaço — também simbólico — da ilha, Marianinho vai, aos poucos, desvendando os mistérios daquela terra, de sua família e de seu próprio nascimento, percebendo que regressou para, na verdade, reencontrar-se, redescobrir-se novamente em sua casa. O centro deste retorno e do resgate é a casa de seus ancestrais na Ilha de Luar-do-Chão, que ocupa papel de destaque no processo de identificação consigo mesmo dentro daquele universo, tão distante e tão diferente da cidade que foi o lugar de sua formação, rica em recursos da modernidade, porém infértil para o sustento das tradições.

Entretanto, é preciso pontuar que voltar a Luar-do-Chão não é propriamente um regresso, mas sim um caminho que se apresenta como circular, isto é, que sempre retorna ao mesmo ponto, representando um movimento presente na África moçambicana. Os espaços cidade e ilha, e os tempos representados por aspectos da modernidade e da tradição, envolvem uma travessia que é cíclica, mas não completamente desconhecida. Todavia, não é idêntica e já não é a mesma: "O velho Mariano sabia: quem parte de um lugar tão pequeno, mesmo que volte, nunca retorna" (Couto, 2003, p. 23).

Nesse dilema espaço-tempo, o protagonista vive um conflito identitário. Saíra ainda jovem para estudar na cidade e, agora, ao retornar, encontra-se deslocado no seu torrão natal, pois sente que já não pertence mais àquele lugar que, assim como ele, também mudara. Marianinho adquiriu hábitos do homem branco e urbano, e agora precisava lidar com isso em meio a um

misterioso velório. O protagonista estaria no entre-lugar[1], conforme abaixo:

> Eu quero a paz de pertencer a um só lugar, eu quero a tranquilidade de não dividir memórias. Ser todo de uma vida. E assim ter a certeza que morro de uma só única vez. Custa-me ir cumprindo tantas pequenas mortes, essas que apenas nós notamos, na íntima obscuridade de nós (Couto, 2003, p. 30).

O protagonista se esforça na busca de entendimento entre dois tempos-espaços margeados pelo rio e que estão perpassados não apenas pelo absurdo e pelo estranhamento, mas pelos desafios em meio à estrutura política e social que se instalou nos países africanos pós-coloniais:

> Enquanto espalho as roupas que trazia amarfanhadas na mochila, noto que há uma folha escrita por cima da secretária. Leio, intrigado: "Ainda bem que chegou, Mariano. Você vai enfrentar desafios maiores que as suas forças. Aprenderá como se diz aqui: cada homem é todos os outros. Esses outros não são apenas os viventes. São também os já transferidos, os nossos mortos. Os vivos são vozes, os outros são ecos. Você está entrando em sua casa, deixe que a casa vá entrando dentro de si (Couto, 2003, p. 56).

Na sequência, o retrato que o leitor tem do reencontro do protagonista com a família é o de um momento marcado pelo sentimento de tristeza, dadas as circunstâncias, e de um drama que aumentara quando a avó decidira passar por cima da tradição ao incumbi-lo da organização do enterro, o que causa desconforto nos presentes. Marianinho teme que a família entre em

1 Segundo Silviano Santiago (2000, p. 17), o entre-lugar é lugar que corresponde a um espaço intermediário e paradoxal. Para ele, os limites difusos entre centro e periferia, cópia e simulacro, autoria e processos de textualização, literatura e uma multiplicidade de vertentes culturais que circulam na contemporaneidade e ultrapassam fronteiras constituem os entre-lugares.

rebuliço por brigas motivadas por herança e ela, a avó, acabe na rua, como aconteceu com a sua cunhada, Miserinha.

Acerca da morte do patriarca, há também um agravante: não se sabe se está realmente morto ou se está vivo, já que o médico afirmou ter sentido cheiro de veneno no hálito de Mariano, o que, de acordo com a crença local, faria com que a vítima ficasse presa no limbo. Assim, há a criação do elemento de suspense por meio da figura de um "portador assintomático da vida" (Couto, 2003, p. 27).

A morte, além de conduzir a narrativa, é retratada por meio de uma linguagem poetizada, simbólica e carregada de subjetividade e mistérios. O conceito de morte, desde a primeira vez em que é mencionado, aparece envolto de recursos poéticos, como podemos observar:

> A morte é como o umbigo: o quanto nela existe é a sua cicatriz, a lembrança de uma anterior existência. A bordo do barco que me leva à Ilha de Luar-do-Chão não é senão a morte que me vai ditando suas ordens. Por motivo de falecimento, abandono a cidade e faço a viagem: vou ao enterro de meu Avô Dito Mariano (Couto, 2003, p. 15).

O trato com a temática da morte é bastante simbólico, pois é este elemento que dita as ações de Marianinho. Em torno do acontecimento, as figuras de linguagem são frequentes e vão desde a comparação com o umbigo, a metáfora da cicatriz até a prosopopeia e a personificação da morte, a qual está sempre a "dar ordens" ao protagonista.

O autor apresenta diferentes versões da morte em sua obra. Ao misturar o ficcional com as crenças e os costumes ancestrais, Mia Couto (2003, p. 16) nos diz que "a morte é uma viagem sem viajante". Desta feita, a escrita propõe a Marianinho (e a nós leitores) uma reflexão sobre a revolução que é a existência, como podemos perceber neste fragmento: "Há um rio que

nasce dentro de nós, corre por dentro da casa e desagua não no mar, mas na terra. Esse rio uns chamam de vida" (Couto, 2003, p. 258).

A morte simboliza tanto a dor quanto a continuidade dos valores daquela sociedade, e por isso é uma travessia necessária de reflexão dentro da obra. O avô, aparentemente morto, simboliza a constante lembrança de sua presença marcante: "Cruzo o rio, é já quase noite. Vejo esse poente como o desbotar do último sol [...] [pois] depois deste poente não haverá mais dia. [...] A ausente permanência de quem morreu. No Avô Mariano confirmo: morto amado nunca mais para de morrer" (Couto, 2003, p. 15). Assim, observamos que as figuras de linguagem tornam a "presença" da morte na narrativa um elemento quase dotado de certo tom místico, para além do fim da vida. A morte dignamente pertence aos mortos e aos vivos, e sela a relação entre o humano e a natureza.

No que diz respeito aos espaços, a escrita miacoutiana retrata um cenário moçambicano onde o real e o irreal convivem privilegiando as manifestações do insólito ficcional, nas quais suas personagens transitam em uma realidade de crise e esperanças. Imersas em uma sociedade fragmentada por constantes guerras, repensar e reconstruir o espaço é conciliar-se com o passado em busca de um futuro enquanto estabilizam o presente, e, por isso, trazer à memória o que traz esperança torna-se fundamental.

Importa, nesse sentido, discorrermos sobre alguns dos espaços-cenários de *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*, de modo a avaliarmos como esses não são apenas figurativos, mas interferem e atuam no curso da escrita literária do autor.

Luar-do-Chão, a ilha

Luar-do-Chão problematiza as oposições das diferentes visões trazidas

do Ocidente. Na ilha, a presença humana marcada pela experiência do sagrado é visível e, embora mantenham-se vivas as tradições da comunidade, as vozes vindas do outro lado do rio, dos habitantes da cidade por este margeada, estão cada vez mais próximas. O desejo pelos costumes da cidade, dos espaços da modernidade ocidental faz com que as personagens se transformem junto com espaço — nesse caso, a própria ilha.

As modificações no espaço convergem com mudanças na ordem natural das coisas: a terra não quer receber de volta o corpo do filho morto que não está morto. O recebimento de misteriosas cartas por Marianinho revela segredos e acontecimentos da ilha: "O que se passava era, afinal, bem simples: a terra falecera. Como o corpo que se resume a esqueleto, também a terra se reduzira a ossatura. Já sem ombro, só omoplata. Já sem grão, nem poeira. Apenas magma espesso, caroço frio" (Couto, 2003, p.182).

Marianinho nascera na ilha, mas cresceu na cidade, e isso o faz ter um outro olhar para as tradições que agora lhe são impostas com toda força, porque somente o retorno às origens fará com que a partida do avô alcance a completude. A morte implica imagens do sagrado que se desdobram nas verdades que o avô propõe ao neto, e que atormentam os demais moradores de Luar-do-Chão. Em outras palavras, todos devem saber da verdade, pois o seu não conhecimento pela comunidade foi capaz de fazer com que a terra acabrunhada se fechasse, e que a ilha ofendida e cansada buscasse a verdade que se esconde em seu solo.

A simbologia do local se reflete através do encontro de universos antagônicos: o capitalista e urbano construído em torno das ideias de progresso e modernidade, e o mítico e religioso acometido dos valores ancestrais do país, cuja independência política se deu recentemente. Assim, o entrecruzamento das tradições locais com as ocidentais se expressa nas surpresas e angústias do protagonista.

Ao redescobrir a sua comunidade, Marianinho redescobre a própria história. O espaço que o separa daquela é o tempo. Um tempo que sai do abstrato e torna-se "palpável", como afirma Paul Ricoeur (1994, p. 127-128): "O tempo torna-se tempo humano na medida em que é articulado de maneira narrativa; em compensação, a narrativa é significativa na medida em que desenha os traços da experiência temporal". Ou seja, o tempo existe porque é narrado. Na verdade, o espaço e o tempo juntos corroboram para dizer que há fatos que, mesmo parecendo irrefutáveis, podem ser perfeitamente viáveis no plano do mito, diante de culturas que se apresentam instáveis, fluidas e fragmentadas.

***Nyumba-Kaya*, a casa**

Para além da ilha Luar-do-Chão, pensemos na casa que também é a terra, e no rio, que também é o tempo, na obra *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*. Assim como a morte, esses assumem papéis importantes na escrita de Mia Couto. Passemos, então, brevemente pela casa (*Nyumba-Kaya*) e depois pelo rio (*Madzimi*). A relação entre esses elementos é percebida logo no título do romance, e atravessa diversas dimensões do texto, seja nas ações das personagens, na sucessão temporal de acontecimentos ou nas memórias dos rituais da tradição africana, representada pela ilha Luar-do-Chão.

O encontro de Marianinho com a casa marca o início de sua viagem, que não é somente um regresso físico, mas um retorno à África moçambicana moderna, a qual, mesmo tendo experienciado o fim de uma guerra civil, carrega as cicatrizes desse acontecimento, somando-se à herança da colonização. Mia orquestra este entendimento, junto ao protagonista, com muita destreza, misturando elementos reais e fantásticos: "Sobre mim se abate uma

visão que muito se irá repetir: a casa levantando voo, igual ao pássaro que Miserinha apontava na praia. E, eu olhando a velha moradia, a nossa *Nyumba-Kaya*, extinguindo-se nas alturas até não ser mais que nuvem entre nuvens" (Couto, 2003, p. 43). Levantar voo é, como podemos inferir por todo o contexto da obra, elevar a casa ao patamar do lugar sagrado que o tempo não é capaz de desfazer.

O trato dado à casa na escritura de *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra* leva-nos a outras possibilidades de interpretação e de visão da espacialidade. A casa aparece como o entre-lugar vida e morte: "— A gente não vai para o céu. É o oposto: o céu é que nos entra, pulmões adentro. A pessoa morre é engasgada em nuvem" (Couto, 2003, p. 163). A casa é, também, o mesmo lugar na promoção da vida e da morte. Aparece, ainda, como lugar de limpeza e purificação das "más energias", conforme a tradição de remover o telhado da sala usada para as celebrações fúnebres: pela morte, liga-se à ação do voo: "Mesmo ao longe, já se nota que tinham mandado tirar o telhado da sala. É assim, em caso de morte." (Couto, 2003, p. 28). Assim, homem e casa configuram-se constituições terrenas que estão na mesma condição de sujeição celestial.

Nesse sentido, a retirada do telhado, de acordo com a tradição, faculta ao corpo morto a ligação com o céu. Ao purificar-se, a casa fica livre das sujeiras mundanas, e o espírito, responsável pelo elo com o alto. As ideias de purificação e fertilidade também são o que aproxima a casa da simbologia da água. *Nyumba-Kaya* tem de ser diariamente regada como um ser vivo, como uma árvore: "A casa tinha reconquistado raízes. Fazia sentido, agora, aliviá-la das securas" (Couto, 2003, p. 247).

Nesses movimentos, o protagonista adentra pela cozinha, que é traço da colonização portuguesa, visto que, como de costume, o lugar de preparo do alimento nas casas africanas é do lado de fora — o terreiro. Mais alguns

passos, e ele adentra nos quartos, onde se enamora, se vem ao mundo, se guardam os mortos até o funeral, e na sala, na qual se reúnem os vivos em festejo, mas também se velam os mortos sob os pingos da chuva, como na passagem a seguir: "O luto ordena que o céu se adentre nos compartimentos, para limpeza das cósmicas sujidades" (Couto, 2003, p. 28).

Transitar pela *Nyumba-Kaya* é perceber, aos poucos, que, o mesmo lugar que acolhe, também pede cuidados, sendo estes garantidos pela tradição, como nos afirma a Avó Dulcinéia. Assim, a casa é tratada como uma árvore, que carece de água para manter-se viva: "Todos os dias a avó regava a casa como se faz com uma planta. Tudo requer ser aguado, dizia ela. A casa, a estrada, a árvore. E até o rio deve ser regado" (Couto, 2003, p. 31).

A casa, seja na ficção ou na realidade, é sempre um lugar para o qual retornamos, sentimos segurança e buscamos conforto. Em *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*, ela é também o lugar de guardar as memórias e de preservar os valores tradicionais de Luar-do-Chão, além de ser sinônimo da nação: "Porque seus filhos são meninos de luxo. Não cabem nesta casa que é o país inteiro" (Couto, 2003, p. 77). Vemos, portanto, que a casa tem no romance um lugar de privilégio, e constitui-se fortaleza e esperança de construção da nacionalidade.

Se ousássemos caminhar por todos os cômodos da *Nyumba-Kaya*, este texto jamais daria conta de explorar as possibilidades de representação que ela oferece. Assim sendo, passamos ao curso do rio, o qual interpretamos como uma representação do tempo na referida obra miacoutiana.

Diferentemente da casa, que está fincada na ilha, o rio está no entre-lugar. A fronteira entre a cidade e a ilha Luar-do-Chão é marcada por águas que se movimentam separando tempos e mundos. De um lado, a civilização, a modernidade, e, do outro, o "atraso", os vestígios da colonização e um povo que insiste em manter a tradição e a memória. O rio Madzimia está, portan-

to, a separar e a unir esses dois universos, tanto pela fronteira quanto pelo protagonista Marianinho. A epígrafe que abre o primeiro capítulo nos antecipa o desvaimento da fronteira ao longo da narrativa: "Encheram a terra de fronteiras, carregaram o céu de bandeiras. Mas só há duas nações – a dos vivos e a dos mortos" (Couto, 2003, p. 26).

O fragmento anterior é um chamamento ao Madzimia pelo rompimento das fraturas ideológicas, políticas, sociais e culturais que Mia Couto propõe na obra. Soma-se a isso a tradição e a modernidade em uma dinâmica de oposições recorrente na escrita literária africana. Moçambique, em *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*, é pontuada pela existência dessas recorrências, bem como das fissuras herdadas pelo Colonialismo, assim:

> Nenhum país é tão pequeno como o nosso. Nele só existem dois lugares: a cidade e a Ilha. A separá-los, apenas um rio. Aquelas águas, porém, afastam mais que a sua própria distância. Entre um e outro lado reside um infinito. São duas nações, mais longínquas que planetas. Somos um povo, sim, mas de duas gentes, duas almas (Couto, 2003, p. 18).

O rio exerce, nesse sentido, um lugar de conflito, por assim dizer, pois, ao mesmo tempo, mantém a fronteira e o contato entre as partes separadas. Para Borges Filho (2007, p. 104), a fronteira "aproxima e distancia insularidades. É ambígua. Divisão e passagem. Possibilita inversões e deslocamentos. Fecha e abre, preserva e destrói a autonomia, protege e ameaça". No romance, para além da separação geográfica, o rio separa e une valores, tradição, modernidade e ancestralidade — a ilha e a cidade.

Se revisitarmos os conceitos de Homi Bhabha (2005), perceberemos, ainda, o rio Madzimia como um lugar híbrido por se tratar de um "espaço

cultural", propício a situações e acontecimentos além do curso natural das águas:

> não é nem um novo horizonte, nem um abandono do passado. [...] [Os] inícios e fins podem ser os mitos de sustentação dos anos no meio do século, mas, deste *fin de siècle*, encontramo-nos no momento de trânsito em que o espaço e o tempo se cruzam para produzir figuras complexas de diferença e identidade, passado e presente, interior e exterior, inclusão e exclusão (Bhabha, 2005, p. 26).

Não é à toa a presença do rio, assim como da casa, no título do livro. Mia Couto, além de fazer uma composição lírico-poética na construção textual que intitula a obra, apresenta-nos o rio como um marcador temporal do ciclo da vida e para os moradores de Luar-do-Chão, muitos dos quais jamais atravessaram-no em direção à cidade, pois o fariam apenas para os funerais: "Não sou apenas eu e o Tio Abstinêncio que atravessamos o rio para ir a Luar-do-Chão: toda a família se estava dirigindo para os funerais" (Couto, 2003, p. 18).

Por meio de uma linguagem pejada de lirismo, acompanhamos o rio e o visualizamos para além das "águas sujas e peneiradas pelos sedimentos" (Couto, 2003, p. 19). Conhecemos um rio que entristece, cujas águas avermelhadas, em tempos de chuva, assemelham-se ao ciclo menstrual. A relação entre as personagens do romance e a natureza, em especial com o rio, pode ser ilustrada pela descrição de Marianinho, ao falar de sua relação com o rio e com Juca Sabão, personagem que fora assassinado por traficantes da cidade e de si:

> Juca Sabão era para mim uma espécie de primeiro professor, para além da minha família. Foi ele que me levou ao rio, me ensinou a nadar, a pescar, me encantou de mil lendas. Como aquela em que, nas noites escuras, as grandes

> árvores das margens se desenraízam e caminham sobre as águas. Elas se banham como se fossem bichos de guelra. Regressam de madrugada e se reinstalam no devido chão. Juca jurava que era verdade (Couto, 2003, p. 61).

O curso de Madzimia é o curso da existência humana, carregada de desejos e sentimentos, como nos conta Dito Mariano, em uma das cartas que são enviadas a Marianinho no decorrer da narrativa: "Sim, você é a água que me prossegue, onda sucedida em onda, na corrente do viver" (Couto, 2003, p. 238).

Também assistimos ao pedido de licença como sinal de saudação e respeito das mulheres para com o rio antes de adentrarem em suas águas para se banharem. Esse evento não impressiona somente o leitor, mas o próprio narrador, como podemos perceber neste fragmento: "Estou na margem do rio, contemplando as mulheres que se banham. Respeitam a tradição: antes de entrar na água, cada uma delas pede permissão ao rio: — Dá licença?" (Couto, 2003, p. 211).

Reforçando o que já foi dito anteriormente, o rio Madzimi é uma passagem que possibilita a travessia de poucos, já que há personagens que jamais pisaram na outra margem. A esse respeito, Fonseca e Cury (2008) apontam que, nesses casos, os seres em trânsito alongam os espaços formados por uma estrutura de dominação e jogam por terra o maior suporte, a intolerância, a falta de empatia, o pensar e colocar-se no lugar do outro.

Bachelard (1988, p. 193), por sua vez, nos apresenta o rio no sentido mais poético, pois a "água é a senhora da linguagem fluida, da linguagem sem brusquidão, da linguagem contínua, continuada, da linguagem que abranda o ritmo, que proporciona uma matéria uniforme a ritmos diferentes".

Ainda, o fluxo das águas do rio Madzimi metaforiza a dinamicidade

com que Mia Couto compõe o romance *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*. Com uma linguagem permeada de termos que remetem a movimentos, o escritor embala o leitor nessa mobilidade linguística. Para tanto, verbos como fluir, desembocar, correr, nascer, caminhar, pedir, morrer, lutar, desaguar, destroçar e atravessar vão traçando essa dinâmica de não estaticidade à obra. Do mesmo modo, ocorre com os substantivos onda, corrente e chuva, que reforçam tal representação, como no trecho a seguir: "Sim, você é a água que me prossegue, onda sucedida em onda, na corrente do viver" (Couto, 2003, p. 238).

Mia Couto, por meio de Marianinho, nos conta uma história que acontece durante um velório, mas cujos tempos e espaços não se limitam ao presente, sendo capaz de reportar-nos a passados longínquos através de memórias e histórias contadas pelos moradores da Ilha Luar-do-Chão.

A sucessão temporal dos acontecimentos, hospedados na memória dos rituais da tradição africana, no olhar que Marianinho estabelece em suas visitas se dá pelo contato do que lhe é natural e sobrenatural; um processo que aparece, muitas vezes, afastado dos conceitos de lógica e linearidade da verossimilhança. Para Alves e Tofalini (2019):

> Esta ruptura com a linearidade do texto, no uso sensível da prosa poética, é um grande marco da escrita de Mia Couto, apropriando-se da construção do fantástico dentro da realidade de seus personagens e da realidade do próprio leitor. O uso explícito de criações neológicas ultrapassa o registro do que seria uma linguagem regional e oral, representando, nas mãos do escritor, a exposição de um universo contraditório presente nos países colonizados em África que buscam até hoje, após e até pela Independência, sua identidade (Alves; Tofalini, 2019, p. 42).

A obra é povoada de eventos fantásticos, os quais se juntam a elemen-

tos religiosos, espirituais e ancestrais. A morte do Avô Dito Mariano, o mais velho da família dos Malilanes, é um suspense, quase um transe, e configura-se um fenômeno sobre o qual a ciência não domina, pois ele está e não está morto. Nesse ínterim, aprecem traços da ancestralidade como, por exemplo, ao lidar com a morte: "A morte é um outro nascimento" (Couto, 2003, p. 30). Esta é entendida, ainda, como uma metáfora para "plantio", pois não simbolizando o fim, já que existe a possibilidade de que uma alma se torne um ancestral.

Mesmo sendo causa de sofrimentos, a morte não se configura na escrita miacoutiana como finitude, mas como uma travessia para outra vida: "A palavra que usara? Plantar. Diz-se assim na língua de Luar-do-Chão. Não é enterrar. É plantar o defunto. Porque morto é coisa viva. [...] Talvez por isso não seja grande a diferença entre o Avô Mariano estar agora todo ou parcialmente falecido" (Couto, 2003, p. 86).

Em *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra,* Mia Couto nos apresenta uma narrativa que constrói a reorganização do espaço moçambicano a partir da margem, entre a fixidez da terra tradicional e a fluidez do rio moderno, onde as pessoas teimosamente rabiscam suas esperanças, como menciona o próprio autor: "Acredito, porém, que os rios que percorrem o imaginário do meu país cruzam territórios universais e desembocam na alma do mundo. E nas margens de todos esses rios há gente teimosamente inscrevendo na pedra os minúsculos sinais da esperança" (Couto, 2003, p. 11).

De todo modo, importa reiterar como Mia Couto constrói um texto peculiar e com processos poéticos raros para os estudos literários e da Linguagem, com os quais colabora para representar uma sociedade historicamente marcada pelos desmandos do processo de colonização.

A leitura nos dá percepção de que, em *Um rio chamado Tempo, uma casa chamada Terra*, o narrador e protagonista Marianinho não retornou à

ilha Luar-do-Chão em vão, mas para reelaborar aquilo que sempre o compôs enquanto indivíduo pertencente a uma etnia e a uma tradição. O seu regresso é representado por processos de resgate e de redescobrimentos de si e da comunidade que o abriga.

Considerações finais

Mia Couto reafirma-se, com este romance, mais uma vez possuidor de uma escrita potente. Ao trazer nesta obra elementos como a ilha, a casa, o rio, a cidade, a terra, particularmente cheios de representatividade e subjetividade, o escritor reforça as potencialidades da literatura enquanto promotora de sentidos e de reflexões sociais importantes.

No romance *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*, a "casa" é o lugar "sem fronteiras", na qual familiares do Sul e do Norte convivem. O personagem Marianinho desempenha muitas funções na narrativa, dentre elas, a responsabilidade em manter os familiares unidos e a comunidade como lugar de refúgio após a morte do avô. De acordo com Fonseca (2008, p. 191), a casa *Nyumba-Kaya*, marca tanto as tradições e o lugar de encontro dos povos do Sul e do Norte quanto os desencontros ao reconhecer-se nesses dois povos por meio da memória e das revivências. Em culturas africanas, "todos são irmãos em totalidade" (Couto, 2003, p. 29), e essa comunhão se confirma na casa que, intencionalmente, Mia Couto metaforiza a nação moçambicana.

A análise do livro permitiu-nos também refletir as estruturas político-sociais: a descrição das aldeias e das vilas descortinam abandono dos centros urbanos em relação ao campo ou rural, lugares estes em que o estado não tem o mesmo olhar de desenvolvimento e melhorias e a precariedade prevalece neste. Ressaltamos que nas cidades há muitos espaços abandonados, bairros

periféricos, distantes dos centros, o que nos leva a ler as metonímias na escrita de Mia Couto e a enxergar na "ilha" "um pequeno" Moçambique.

A escrita literária de Mia Couto consagra a imortalidade, a fuga do tempo cronológico e histórico, chega ao sagrado e rompe com limites temporais do tempo. Isso é sentido na sua obra, no seu nome, e envolve todas as narrativas em que ele traz o seu povo e a sua nação, sua Nyumba-Kaya. Para o escritor, o espaço, para além do geográfico, é político, social, místico e sagrado. É testemunho do passado e dos ancestrais, é memória e ferramenta de resistência constantemente em ação. "Você, meu neto, cumpriu o ciclo das visitas. E visitou casa, terra, homem, rio: o mesmo ser, só diferindo em nome. Há um rio que nasce dentro de nós, corre por dentro da casa e deságua não no mar, mas na terra. Esse rio uns chamam de vida" (Couto, 2013, p. 258).

Referências

ALVES, Érica Fernandes; TOFALINI, Luzia Aparecida Berloffa. Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra, de Mia Couto: visões líricas da morte. *Scripta Uniandrade*, v. 17, n. 1, p. 186-207, 2019.

BACHELARD, Gaston. *Poética do espaço*. São Paulo: Abril cultural, 1978.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

COUTO, Mia. *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

FONSECA, Maria Nazareth Soares; CURY, Maria Zilda Ferreira. *Mia Couto:* espaços ficcionais. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. *Literaturas africanas de língua portuguesa:* percursos da memória e outros trânsitos. Belo Horizonte: Veredas & Cenários, 2008.

HEGEL, Friedrich. *Estética*: poesia. Lisboa: Guimarães, 2004.

RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. Campinas: Papirus, 1994.

SANTIAGO, Santiago. O entre-lugar do discurso latino-americano. *In*: SANTIAGO, Santiago. *Uma literatura nos trópicos*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000, p. 8-27.

Recebido em: 10/04/2024

Revisões requeridas em: 02/11/2024

Aprovado em: 17/06/2025

Publicado em: 12/11/2026

https://doi.org/10.5007/2176-8552.2026.e99541

Esta obra foi licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-Não Comercial 4.0 Internacional.